

Num. 177 Ano / An 8 - 16 de Janeiro / 16 janvier 2021

• jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português - journal communautaire en Français - jornal comunitário em Português •

Chine contre Taïwan : « Une défaite obligerait Xi Jinping à abdiquer »

Ancien chef d'état-major de Taïwan, l'amiral Lee Hsi-min a développé une stratégie révolutionnaire pour repousser une invasion chinoise.

Propos recueillis par Jérémie André, à Taipei | Le Point.fr



Soldats de la marine taiwanaise devant la frégate « Ming Chuan » en novembre 2018. © EyePress News via AFP

Taïwan pourrait-elle résister à une invasion chinoise ? La question était autrefois purement spéculative. L'Armée populaire de libération (APL) n'en avait pas les moyens et la République populaire de Chine (RPC) espérait davantage un rapprochement politique. Cependant, la fulgurante ascension de la puissance chinoise a changé la donne. En janvier 2019, Xi Jinping a pour la première fois envisagé publiquement l'usage de la « force » pour accomplir la « réunification ». Le régime communiste chinois considère en effet l'île comme une province rebelle – alors même qu'il ne l'a jamais contrôlée...



Ver na página 11 a chamada de apoio aos Comandos de Portugal

Atenção por favor: o número de conta da Associação de Comandos, saiu errado por nossa culpa, nas últimas edições. Corrigimos hoje, com as nossas desculpas, para o caso de algum dos nossos leitores, quiser colaborar na campanha de apoio iniciada há tempos.

O NIB é: 0033-0000-45536014942-05

**MORREU O HOMEM DE LISBOA
MENINA E MOÇA**

**Carlos do Carmo (1939-2021):
o nome dele era fado**



Por Gonçalo Correia / Obs.

Levou gente para o fado, conquistou Portugal nos anos 70 e o mundo nos anos 80, ganhou um Goya e um Grammy, mas reclamava-se “portuga”. Cantou quase até ao fim. Morreu aos 81 anos.

É quase como se toda uma geração de fadistas se tivesse perdido.

Carlos do Carmo, que era para muitos o mais importante fadista vivo, para quase todos uma das maiores referências da música portuguesa da segunda metade do século XX, morreu esta sexta-feira, dia 1 de Janeiro, com 81 anos.

Texto e foto: Jornal O Observador via internet

Visitez



**Le
Portugal**

A Chuva e o Bom Tempo

Julgando um dever cumprir, sem descer do meu critério
Digo verdades a rir, Aos que me mentem a sério

António Aleixo 1899-1949

Estória ? Talvez não...

Aceito que possam dizer que estou impregnado de uma qualquer poção mágica que controla a imaginação. Mas, o pensamento de *Tailhard de Chardin*, “uma multidão de nossos contemporâneos ainda não são modernos”, deu-me a razão que me faltava para passar ao papel algumas considerações que me têm assaltado e que agora, depois do recebimento dum mail preparado — ao que se afirma — por Robert Kennedy Jr, filho do antigo responsável pela Justiça americana, assassinado pouco depois do irmão, Presidente J F Kennedy, ele também assassinado, mas em Dallas em 1963, diz que a falta de modernidade tem sido um dos flagelos da Humanidade.

E um dos seus analistas dizia que “O pensamento moderno, pensamento livre por definição, indica-nos um mundo unido”. Bonito, mas nem sempre possível. Bastará olharmos para a Europa, que parece ter fundos sem fim se atendermos aos muitos milhões de milhões distribuídos, a parasitas que vendem os seus países e povo por batuta e meia, será praticamente impossível juntar 27 ou 28 nacionalidades — cada qual com as suas particularidades, hábitos, culturas, gastronomia e religiões diferentes — sem fazer trovejar os Deuses Romanos ou Gregos do Universo, realçando as incongruências e dificuldades dessa pretensão.

Porque, nunca será demais lembrar, “Quem semeia ventos, colhe Tempestades” — bastará olhar para a reconciliação das últimas eleições americanas, — todas as intrigas, falsas notícias e a obsessão do ódio político ou pessoal, postas ao serviço de um candidato, beneficiando o outro, para compreender a inutilidade de tentativa de unir caracteres tão diferentes entre si.

2

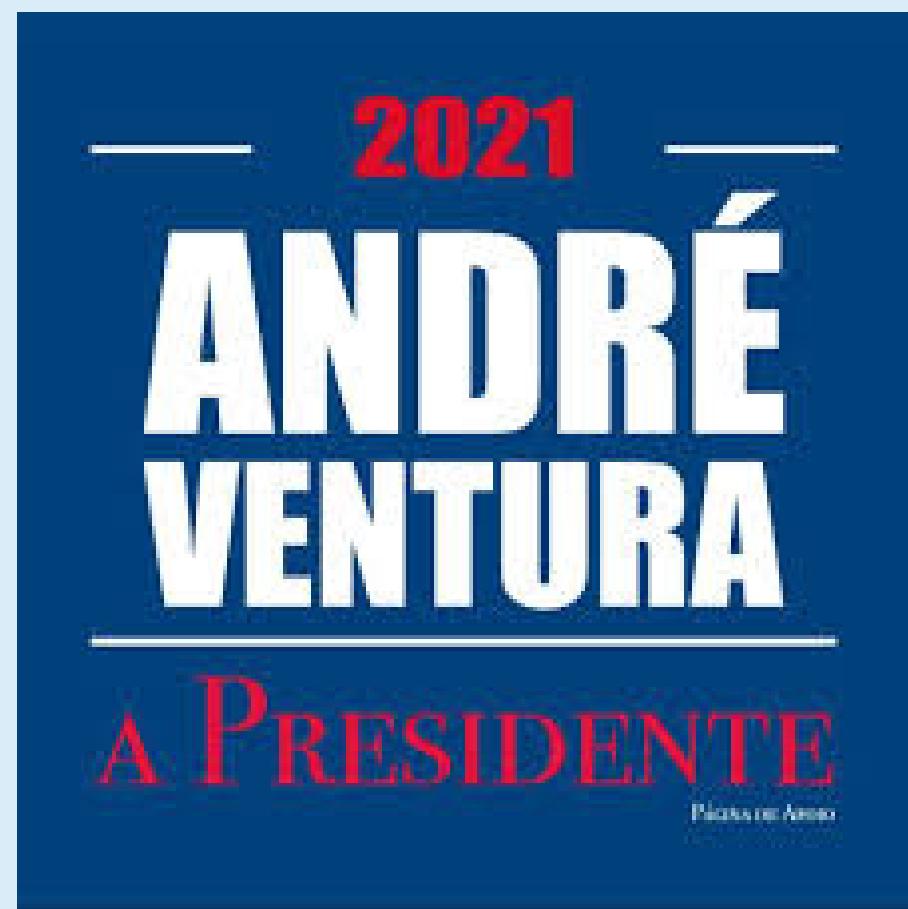
Vem tudo isto a respeito do que já se encontra mais longe do que a simples intenção, da formação da **Nova Ordem Mundial** que algumas cabeças pensantes e possuidoras de fundos ao que parece infinitos, pretendem “construir um mundo novo” segundo as suas prioridades e divagações. Para isso, eles necessitam absolutamente da colaboração — voluntária ou não — de todos os governantes em exercício, que tenham a possibilidade de controlar seja qual for a forma, a vontade e a inocência dos seus concidadãos. Em tempos idos, os ditadores que regeram longos anos e que continuam fazendo, eliminaram os mais antigos ou os mais instruídos, para não lhes barrarem o caminho. Uns pelas memórias que não se apagam facilmente, outros, pelo saber que os demais desconhecem. Os terroristas que se espalham pelo mundo, utilizam essa forma para chegarem aos seus fins pela ignorância e letargia. E vão conseguindo, destruindo na sua passagem monumentos de incalculável valor patrimonial.

Recordam-se o que tem acontecido em Portugal, onde obras valiosas de arte antiga têm sido abandonadas e depois “vendidas” por bagatelas para amigos do poder contruirem Hoteis de luxo ou zonas turísticas inacessíveis aos cidadãos do país? É esse o caminho que os magnates escolheram, sabendo das reticências que os povos mais aguerridos poriam no decorrer das actividades, se interrogando sobre o estado da situação. E forçariam os seus governos a manifestar-se. Não os portugueses, porque no seu amorfo de nada mais se apoquentam que o poder deslocar-se não importa onde, para ver o seu clube jogar futebol, mesmo se eles terão de pagar durante vários anos, as despesas efectuadas para esse “prazer”.

Ora, segundo o tal mail eventualmente assinado por Robert Kennedy Jr,(ver página 13 neste número) a verdade tão desmentida saiu do saco. Ou seja. Fica provado de que toda esta história de pandemia, que tantas contradições tem feito surgir, não existe na realidade, apenas, o desejo de ludibriarem o povo que neles acredita, como simples imbecis. O programa estabelecido, para o qual falta ainda ultrapassar 6 etapas de resoluções para o ano corrente, confirma-nos igualmente o que se afirma há algum tempo, acusando Merkel de ter encomendado à China o vírus que nos preocupa e do qual perderam o controlo. A intenção seria de eliminar os mais velhos, os mais idosos, a que vários dirigentes de diversos países anuiram com, talvez, gratidão, que agora, não sabem como corrigir. Compreender-se-á mais facilmente, todas as facilidades e apoios dados à falsa corrida da migração ilegal, à proibição de qualquer polícia europeia prender ou simplesmente acusar um migrante

Salvemos a Dignidade Nacional

Apoiemos André Ventura



illegal de crime de estupro, ou outro, sendo os governantes responsáveis de terem enviado a sua juventude, principalmente feminina, numa “patuscada” com os migrantes de que a Alemanha acolheu cerca ou mais de um milhão. A Suécia também já sofreu com estas “amabilidades”, a França, a Bélgica, Dinamarca a Norvegia e tantos outros.

É o preço a pagar pelos acordos estabelecidos, nas costas das populações, em que as maiorias só saberão, estupefactas, tarde demais e quando a canalha que os vendeu, estiver longe a torrar-se ao Sol.

Raul Mesquita

La galette des Rois, un classique qui réconforte

Par Léa Harvey / Le Soleil

On aime la galette des Rois pour sa traditionnelle pâte feuilletée bien beurrée qui craque sous la dent, mais on salive surtout pour son cœur de frangipane sucrée qui enrobe nos papilles de douces notes d'amandes. Qu'ils soient puristes ou qu'ils osent diverger de la recette classique, ses amateurs reviennent chaque année en force dans les pâtisseries de Québec pour déguster leur douce gâterie... et peut-être dénicher la fameuse fève.



Traditionnellement consommée lors de l'Épiphanie, une fête chrétienne célébrée le premier dimanche de l'année ou le 6 janvier qui souligne la visite des Rois mages à Jésus, la galette se consomme aujourd'hui tout le mois de janvier.

Au Croquembouche, sur Saint-Joseph, les pâtissiers s'activent déjà à la préparation du dessert. Cette année entre 300 et 400 galettes sortiront de leurs fours, de la fin décembre jusqu'à la fin janvier.

«Les jours entourant le 6 janvier sont toujours les plus achalandés, souligne toutefois Simon Lavigne, gérant du Croquembouche. Cette année, durant le temps des fêtes, on a vendu plus de petits formats, mais on est tout de même agréablement surpris par la demande. Les ventes se dessinent un peu comme les autres années.»

Pour fournir à la demande et bien se préparer en conséquence, plusieurs pâtisseries proposent d'ailleurs aux clients de réserver leur galette.

À l'instar du Croquembouche, Pascal Chazal, propriétaire de la pâtisserie «Pascal le boulanger» à Stoneham, ressent déjà tranquillement la folie de la galette des Rois : *«C'est sensiblement la même chose que les autres années. On devrait vendre environ mille galettes tout le mois de janvier.»*

Les deux hommes remarquent depuis quelques années une tendance à la hausse de leur clientèle québécoise. «Notre clientèle était surtout européenne, à la base. La fête des Rois, c'est une tradition très forte pour eux. Mais, depuis quelques années, on voit vraiment qu'il y a de plus en plus de Québécois qui s'y intéressent», affirme le gérant du Croquembouche.

«Ça fait un peu plus de dix ans que je suis installé ici et je vois que c'est de plus en plus populaire. On m'a déjà dit que les anciens célébraient la fête des Rois ici aussi, mais que ça s'était perdu avec les années. Là ça revient tranquillement», raconte M. Chazal.

Une recette gagnante

«C'est vraiment une gâterie réconfortante, une tradition que l'on perpétue année après année. Et cette année, on a bien mérité un peu de réconfort», ajoute M. Lavigne tout en refusant de confier au Soleil ne serait-ce que la

quantité de beurre caché dans son dessert. «Secret!»

«C'est sensiblement la même chose que les autres années. On devrait vendre environ mille galettes tout le mois de janvier»

«C'est sensiblement la même chose que les autres années. On devrait vendre environ mille galettes tout le mois de janvier»

LE SOLEIL ERICK LABBÉ

Chez Pascal le boulanger tout comme au Croquembouche, la recette n'a jamais été modifiée : pâte feuilletée et crème d'amande ou frangipane – un mélange de crème d'amande et de crème pâtissière.

Le boulanger d'origine française a toutefois accepté de modifier son classique pour les gens qui seraient allergiques aux noix. Résultat : la même pâte feuilletée sur laquelle on dépose, cette fois-ci, une généreuse portion de compote de pomme.

Qu'elle soit avec ou sans amande, la galette s'accompagne d'un bon cidre ou d'un vin de glace, nous conseille M. Chazal.

«Il est aussi mieux de la laisser tiédir. On peut la mettre cinq minutes au four à 350°F [180°C] avant de servir», ajoute-t-il.



Une tradition qui remonte à plusieurs millénaires

Bien que la date à laquelle on célèbre la fête des Rois soit d'origine chrétienne, le concept qui consiste à déposer une fève à l'intérieur d'un gâteau afin que celui qui la trouve devienne le «roi du jour» remonterait plutôt, selon certaines sources, à l'Antiquité et s'inspirerait des Saturnales. Lors de ces fêtes romaines, l'esclave qui trouvait la fève dans sa pointe de gâteau voyait tous ses désirs s'exaucer pendant une journée avant de redevenir un simple serviteur ou d'être assassiné.

Ce n'est toutefois que parmi des écrits datant du Moyen Âge que les historiens retrouvent les premières traces officielles du fameux dessert.

Selon la tradition, on coupe le nombre de parts correspondant au nombre de convives plus un. Il revient ensuite au plus jeune invité de distribuer les morceaux.

Si la galette «classique» se rapproche le plus souvent du pithiviers, plusieurs pays dégustent d'autres types de desserts tels que des gâteaux briochés parfumés à l'eau de fleur d'oranger ou des pâtes feuilletées fourrées avec différentes garnitures (fruits confits, chocolats et autres). Pour fournir à la demande et bien se préparer en conséquence, plusieurs pâtisseries proposent d'ailleurs aux clients de réserver leur galette.



6 curiosidades sobre a Rua Augusta

lisboasecreta.co/6-curiosidades-sobre-a-rua-augusta

Lisboeta que é lisboeta já percorreu a Rua Augusta dezenas de vezes ou não fosse esta a rua mais agitada e charmosa da Baixa de Lisboa.



Mas esta artéria guarda História e histórias, do século XVIII até ao presente.
Vamos descobri-las?

4

1. Rua da Augusta Figura do Rei

Tantas vezes já dissemos “Rua Augusta” que nos esquecemos de perguntar a nós mesmos: “**Mas afinal, quem é a Augusta?**”. Pois bem, o nome completo da Rua Augusta é

Rua da Augusta Figura do Rei, uma homenagem ao monarca **D. José I**, figura retratada na estátua equestre da Praça do Comércio.

Este rei foi também o responsável pela inauguração da prática de atribuição de nomes de ruas por decreto e foi da sua responsabilidade a Portaria de 5 de novembro de 1760.

Nesse documento estabeleceu-se, por um lado, a denominação dos arruamentos da Baixa lisboeta e, por outro, a distribuição dos ofícios e ramos do comércio pelas diferentes ruas da Baixa. Segundo o decreto, a Rua Augusta deveria alojar os mercadores de lã e de seda.



2. Fernando Pessoa

Esta artéria primordial da Baixa esteve também ligada à vida do **estimado poeta Fernando Pessoa**. Entre 1934 e 1935, tinha o escritor 46 anos, a firma “E. Dias Serras, Lda”, também conhecida por “**Casa Serras**”, terá sido o seu local de **trabalho**. A empresa, dedicada à “importação e representação”, funcionava no 1º andar do número **228**.

Curioso é que grande parte da vida de Pessoa está ligada a esta zona da cidade: foi, aliás, quando trabalhava na firma “Félix, Valladas & Freitas, Lda”, no nº 42 da Rua da Assunção, que terá conhecido a sua namorada **Ophélia Queiroz**, o único relacionamento oficial do poeta.2/8



3. Uma loja centenária

Fundada em **1913** no número **272** da Rua Augusta, a Casa Macário dedica-se ao comércio de bebidas, bombons, cafés, chás e chocolates. Na entrada, uma tabuleta indica “**Please Don't Clean The Bottles**” porque, neste espaço, as garrafas querem-se cobertas de pó para comprovar a sua história. É um dos lugares de referência para comprar vinho do Porto na Baixa, assim como produtos regionais e guloseimas. Mesmo à saída da loja, se olhar para o chão vai ter uma surpresa: na calçada portuguesa, lê-se “**Café, Chá e Chocolates | 274 – 272**”, simbolizando os produtos que ali se vendem e os números de porta que a loja ocupa há já 106 anos.



4.Arco da Rua Augusta

Embora tenha sido inaugurado em **1875**, o Arco da Rua Augusta foi planeado em **1759** para comemorar a reconstrução pombalina da cidade após o terramoto de 1755. Sim, **demorou mais de um século a estar concluído** e chegou a ser comparado às obras de Santa Engrácia pelos historiadores da época!

Idealizado pelo arquitecto Eugénio dos Santos, foi Veríssimo José da Costa que acabou por assinar o projeto numa construção que se revelou bastante atribulada.

O Arco :

começou a ser construído em 1775 mas a primeira versão seria demolida em 1777, após a subida ao poder de D. Maria I e a demissão de Marquês de Pombal. Em 1873, retomou-se a edificação do Arco, num projecto de Veríssimo José da Costa aprovado em 1844, tendo ficado as obras concluídas em 1875.



Para todos aqueles que já se questionaram sobre a **inscrição em latim** no topo, esta serve de tributo ao Império Português e significa: “*Às Virtudes dos Maiores, para que sirva a todos de ensinamento. Dedicado a expensas públicas*”. Esta última sigla significa que o Arco foi realizado com dinheiro público, sem interferência de qualquer mecenas — PPD, em latim, simboliza “Pecunia Publica Dedicat”, ou seja, “**(Construído) com o Dinheiro do Povo**”.

5. Casa Africana



Por certo já ouviram ser evocada a expressão “**preto da Casa Africana**” quando alguém está muito carregado. Embora seja uma expressão claramente racista, a verdade é que a **Casa Africana** foi um dos estabelecimentos comerciais mais emblemáticos da Rua Augusta — e a sua **imagem de marca** era, efectivamente, um africano carregadíssimo, que transportava as encomendas e embrulhos dos clientes. Fundada em **1872** na Rua da Vitória, entre os números 33 e 37, a loja foi ampliada no início de 1896, passando a ocupar também os números 152, 154 e 156 da Rua Augusta.



Em 1905, a loja mudou novamente de localização para um edifício que dava para a Rua Augusta, para a Rua da Vitória e para a Rua dos Sapateiros. Os anúncios da época diziam que a loja era a que mais barato vendia em Lisboa, dedicando-se ao comércio de confecções, chapéus de senhora, sedas e lãs. Na fachada, permanecia a famosa imagem de marca: o “**Preto da Casa Africana**”.

A loja fechou portas em definitivo no final da década de 90 do século passado.

Actualmente, o mesmo edifício é ocupado pela Zara.

6. As ruas paralelas e perpendiculares

A Baixa Pombalina, sonhada por Marquês de Pombal, concebeu a Rua Augusta como **eixo central de ligação entre a Praça do Comércio e a Praça D. Pedro IV (Rossio)**. No entanto, são várias as ruas que a cruzam e rodeiam, todas com diferentes graus de importância que podem ser averiguados pela sua largura e pela tipologia dos edifícios.



As ruas paralelas mais importantes são: a **Rua do Ouro**, ou **Rua Áurea**, outrora reservada aos artesãos que trabalhavam este material precioso e aos relojoeiros; a **Rua da Prata**, antes chamada **Rua Bela da Rainha** (em homenagem à Rainha D. Mariana Vitória, casada com D. José I), que albergava os ourives da prata e livreiros; e a **Rua dos Fanqueiros**, anterior **Rua Nova da Princesa**, dedicada aos comerciantes de fancaria (comércio de tecidos), lençaria e quinquilharia.

Existem ainda outras três ruas paralelas à **Rua Augusta** mas, por serem de menor importância e dimensão, receberam nomes de profissões menos nobres: **Rua dos Sapateiros**, **Rua dos Correeiros** e **Rua dos Douradores**.

Todas as artérias transversais têm nomes de índole religiosa: a primeira a contar do Rossio é a **Rua de Santa Justa**, depois **Assunção, Vitória, São Nicolau, Conceição, São Julião e Rua do Comércio**, noutros tempos **Rua Nova D'El Rei** cujo nome foi alterado em **1910** com a **Implantação da República**.

Allemagne : un cygne en deuil bloque le trafic ferroviaire

En Allemagne, un cygne en deuil, qui venait de perdre son compagnon, a interrompu le trafic des trains près d'une heure sur la ligne Cassel-Göttingen. Source AFP

Publié le | Le Point.fr

Les cygnes restent en couple toute leur vie. Inseparables, si un des oiseaux disparaît, l'autre peut mourir de chagrin.



Les cygnes restent en couple toute leur vie. Inséparables, si un des oiseaux disparaît, l'autre peut mourir de chagrin. © PATRICK PLEUL / dpa-Zentralbild / dpa Picture-Alliance via AFP

6

Plusieurs trains allemands, circulant sur la ligne à grande vitesse entre Cassel et Göttingen, ont subi un retard d'une cinquantaine de minutes juste avant Noël à cause d'un cygne qui bloquait la voie. Et pour cause. L'oiseau était en deuil. Il venait de perdre son compagnon, probablement tué après avoir heurté un câble électrique au-dessus des rails. Le cygne survivant n'a pas voulu le quitter et s'est assis à ses côtés. Il a fallu l'intervention des pompiers pour libérer la voie et rétablir le trafic.

Les deux oiseaux s'étaient égarés sur la ligne à grande vitesse « lors d'une excursion », selon le communiqué de la police de Cassel. Les faits remontent au 23 décembre mais ont été rendus publics lundi 28 décembre.

Le cygne rescapé relâché sur la rivière Fulda

Le cygne malheureux a résisté près d'une heure aux tentatives de fonctionnaires pour l'attirer loin des voies. Il a fallu que des pompiers dotés d'un équipement spécial soient appelés à la rescousse : ils sont parvenus à emporter le cygne mort et son compagnon, sain et sauf, en dehors de la zone. L'oiseau rescapé a ensuite été relâché sur la rivière Fulda. Vingt-trois trains avaient été retardés une cinquantaine de minutes pendant l'opération de sauvetage.

Selon la société royale britannique de protection des oiseaux, les cygnes tentent de rester en couple leur vie entière.



Police : en Île-de-France, le niveau des nouvelles recrues inquiète

Le manque d'effectifs dans les forces de l'ordre a fait baisser le niveau d'exigence du concours de police, rapporte « *Le Parisien* ».

Par LePoint.fr

Dix mille, c'est le nombre de policiers et de gendarmes qu'a promis de recruter Emmanuel Macron d'ici à 2022. Un engagement présidentiel qui a poussé à l'ouverture de nouveaux postes, à un recrutement plus large et pas toujours de qualité... Preuve en est le concours de gardien de la paix. En 2020, comme le rapporte *Le Parisien*, il y a eu 19 546 inscrits pour 3 631 postes à pourvoir. La note moyenne baisse. Cela inquiète les recruteurs qui voient les moins bons élèves être affectés en Île-de-France avec un niveau parfois insuffisant.

« *Le niveau des moins bons admis n'a fait que baisser au fil des années. On doit honorer la commande, il manque des effectifs dans beaucoup de commissariats* », confie au *Parisien* un membre du jury du concours de gardien de la paix.

Le niveau physique aussi devient préoccupant

Des candidats qui obtiennent un 8 à l'examen sont acceptés. Ils accèdent à la formation théorique de huit mois (la durée a d'ailleurs été réduite de quatre mois) et, comme ils sont dans les moins bien notés, ne peuvent ensuite pas choisir leur affectation. Ils finissent alors souvent en région parisienne, là où la majorité des postes sont à pourvoir.

Plusieurs éléments posent problème chez les nouvelles recrues. Comme les capacités physiques. Certains lauréats sont reçus malgré un niveau d'endurance insuffisant, d'autres alors qu'ils sont en surpoids. « *Certains se mettent en danger par manque d'entraînement physique. Des contrôles peuvent déraper à cause de ça* », déplore un formateur auprès du *Parisien*. Des erreurs rédhibitoires autrefois aujourd'hui tolérées

Le niveau de français, qu'il soit écrit ou parlé, est aussi inquiétant. Au point d'affecter la capacité de certaines recrues à s'exprimer correctement. « *Une partie des stagiaires ne sait pas s'exprimer clairement. Ils perdent facilement leurs moyens et deviennent agressifs dans une discussion, car ils n'ont pas le langage suffisant pour argumenter* », souligne un autre formateur.

De manière générale, les grilles d'évaluation sont de moins en moins exigeantes. Des erreurs qui valaient un zéro pointé avant, comme oublier de signer un procès-verbal, sont tolérées. Et quand un formateur met malgré tout une mauvaise note, il doit s'expliquer.



“Que não é prémio vil ser conhecido pelo pregão do ninho meu paterno”
Camões

João Rodrigues Cabrilho 478 anos depois

Por Dr.João Soares Tavares (1)

A 3 de Janeiro de 2021 completam-se 478 anos sobre o falecimento de João Rodrigues Cabrilho. Por razões culturais e sobretudo para não deixar cair na memória do esquecimento o descobridor da Costa da Califórnia ainda hoje ignorado pela generalidade dos portugueses, decidi lembrar esse barroso natural do concelho de Montalegre.

Cabrilho praticou feitos notáveis que ficaram gravados na História Mundial embora sob a bandeira espanhola, aliás, como Fernão de Magalhães. É português. Pertence ao nosso património cultural. Deverá merecer o respeito de todos.

A vila de Montalegre estará mais empenhada em evitar a propagação do coronavírus, ou como solucionar os diferentes problemas de natureza económica resultantes da pandemia, que são preocupação de todos os portugueses. Todavia, pergunto: em condições normais Montalegre iria recordar a 3 de Janeiro – “Dia de Cabrilho” –, o notável navegador no mínimo com uma romagem ao monumento evocativo erguido na praça principal do burgo, seguida da deposição de um simples ramo de flores?

Somente quando os espanhóis de Palma del Rio (Córdova) entre 2015 e 2018 tentaram apropriar-se da nacionalidade de Cabrilho desviando-a para aquela localidade espanhola e a afronta já proliferava na Internet, algumas (poucas mas destemidas) vozes barrosas insurgiram-se na imprensa regional contestando aquele agravio. Também o signatário desta nota que não sendo barroso sentiu o dever de uma vez mais vir a terreiro utilizando as ferramentas que estavam ao seu alcance – alguns órgãos da Comunicação Social –, para rebater a tese pouco consistente do “Cabrilho espanhol” e esclarecer os mais incrédulos revelando documentos que vinculam a nacionalidade portuguesa de Cabrilho e a sua nacionalidade em Lapela de Cabril, aldeia do concelho de Montalegre. (Veja-se nomeadamente: Notícias de Barroso de 05/11/2018; Ecos de Barroso de 27/11/2018; Diário do Minho de 09/01/2019; ABC de 08/06/2019...).

O assunto chegou à Câmara Municipal de Montalegre. De uma moção aprovada em reunião da Câmara de 3 de Janeiro

de 2019 divulgada na altura pela imprensa regional barroso, destaco dois itens:

- “Determinar o dia do falecimento do navegador, 3 de Janeiro, como ‘Dia de Cabrilho’ associado a um programa simples como forma de, todos os anos, ser lembrado e homenageado.”

- “Tal como é sugerido pela elite intelectual de Barroso, pensar-se desde já numa grandiosa homenagem, num tempo a determinar, uma homenagem internacional para que o navegador ganhe em definitivo o estatuto a que tem pleno direito.”

Pensei então: os portugueses, mormente os barroso, irmanados nos mesmos ideais iriam finalmente homenagear com dignidade o conterrâneo humilde, que partiu à descoberta do Novo Mundo (América) somente com o bornal cheio de esperança e alcançou a fidalguia “pelos seus próprios méritos”.

Entretanto, passaram os anos de 2019 e 2020, uma nuvem silenciosa avassala a capital de Barroso.

Quero crer, a designada “elite intelectual de Barroso” estará a trabalhar afincadamente em silêncio aguardando o extermínio do coronavírus, para depois realizarem a citada grandiosa homenagem.

Enquanto a grandiosa homenagem não se realizar e o “Dia de Cabrilho” a 3 de Janeiro não for oficializado, decidi escrever esta nota (mais uma) cuja única pretensão repito, é não deixar cair na memória do esquecimento pelo 478º aniversário da sua morte, o português natural de uma pequena aldeia encravada nas penedas da serra do Gerês, que foi “apenas” o descobridor da Costa da Califórnia e primeiro autor publicado no Novo Mundo ou, para ser mais rigoroso, o pioneiro do jornalismo no Novo Mundo.

(1) Investigador, biógrafo de Cabrilho
(João Soares Tavares escreve segundo o anterior acordo ortográfico)
In Ecos de Barroso, 28.12.2020



La Chine « Inonde » l'Amérique d'Espions

par Gordon G. Chang

Traduction du texte original: Espionage Emergency: China 'Floods' America with Spies

- Etat donné l'urgence, Washington devrait immédiatement fermer toutes les bases d'opérations chinoises aux États-Unis, y compris les quatre consulats - Chicago, Los Angeles, New York et San Francisco - et obliger l'ambassade de Chine à une réduction considérable de son personnel. Une ambassade n'a en réalité besoin que de l'ambassadeur, de sa famille proche et du personnel et peut se passer des centaines de personnes qui y sont actuellement affectées.
- Le consulat chinois à New York est un centre d'espionnage. James Olson, ancien chef du contre-espionnage de la CIA, a estimé « *qu'au minimum* », la Chine a, selon les termes employés dans le New York Post « *plus de 100 agents occupés à une tache de renseignement à n'importe quelle heure du jour ou de la nuit* ». New York, a-t-il ajouté, est « *envahie comme cette ville ne l'a jamais été* ».
- Pékin placera-t-il ses espions dans les banques et entreprises chinoises opérant aux États-Unis ? Probablement, mais cela prendra du temps et, en tout état de cause, rien n'empêche Washington d'ordonner la fermeture des avant-postes non diplomatiques.
- Certains diront que les entreprises américaines en Chine ont besoin d'un soutien consulaire. A l'évidence, le besoin existe. Il n'en est pas moins vrai que l'Amérique a intérêt à ce que ses entreprises quittent la Chine, pour des raisons morales en sus de toutes les autres. La perte du soutien consulaire sera une bonne raison pour eux de plier bagages.



Les tentatives chinoises d'influence, de renseignement et d'infiltration submergent l'Amérique. La Chine a des centaines - voire des milliers - d'agents aux États-Unis qui repèrent, testent, encerclent, influencent, compromettent et corrompent des Américains en politique et dans d'autres domaines importants pour elle. Photo : le consulat de Chine à Houston, le 22 juillet 2020, à la veille de sa fermeture en raison « de son rôle en matière d'espionnage et de vol de la propriété intellectuelle » selon les mots utilisés par Mike Pompeo. (Photo par Mark Felix / AFP via Getty Images)

Les révélations qui ont eu lieu en ce mois de décembre sur Eric

Swalwell, représentant démocrate de Californie à la Chambre des représentants, sont un bon indicateur de la pénétration chinoise aux États Unis.

Les tentatives chinoises d'influence, de renseignement et d'infiltration submergent l'Amérique. L'urgence est telle que Washington devrait fermer immédiatement toutes les bases chinoises opérationnelles aux États-Unis, y compris les quatre consulats encore ouverts.

Concernant Swalwell, il est stupéfiant que Fang Fang, agent présumé du ministère chinois de la Sécurité d'État - également connue sous le nom de « Christine » -, ait pour la première fois pris contact avec lui, non à l'époque où il siégeait à la commission du renseignement de la Chambre, mais alors qu'il était simple conseiller municipal de Dublin City, Californie.

Fang a suivi Swalwell et a aidé sa carrière politique jusqu'à ce qu'il soit élu à la Chambre des représentants et nommé membre d'une commission présentant un grand intérêt pour la Chine.

La Chine a des centaines - voire des milliers - d'agents aux États-Unis qui identifient, ciblent, soutiennent, influencent, compromettent et corrompent des Américains en politique et dans d'autres domaines importants pour elle.

Pour identifier tous les Swalwell potentiels et les enrôler, les services de renseignement chinois pourraient bien avoir implanté des centaines de milliers d'agents aux Etats Unis. Darrell Issa, un Républicain de Californie récemment réélu au Congrès, a déclaré à Fox News le 11 décembre qu'il y avait « des centaines de milliers de personnes qui se livrent à des activités d'espionnage au profit de la Chine ».

La Chine a mis en place une approche de « *mille grains de sable* » qui consiste à interviewer tous les étudiants, touristes, hommes et femmes d'affaires qui rentrent en Chine, collectant ainsi des millions d'informations apparemment sans importance. Mais grâce à des techniques d'intelligence artificielle, Pékin est en mesure de mettre en cohérence l'information collectée et d'en extraire quelques pépites. Fang semble avoir été plus qu'une simple collectrice d'informations. Elle a peut-être même compromis sexuellement Swalwell qui, pour l'instant, n'a pas reconnu avoir entretenu une relation sexuelle avec elle. Fang est venue en Amérique vers 2011 pour étudier à la Cal State University East Bay, où elle avait monté une section locale de l'Organisation des affaires publiques américaines des îles du Pacifique asiatique. À l'heure actuelle, pas moins de 370 000 étudiants chinois sont inscrits dans les collèges et universités américains. En une décennie, le nombre d'étudiants chinois a triplé.

Chaque étudiant est un agent chinois potentiel car tous sont légalement obligés d'espionner les États-Unis. Les articles 7 et 14 de la loi chinoise de 2017 sur le renseignement national obligent chaque ressortissant chinois à se comporter en espion si l'Etat lui en fait la demande. Dans le système de commandement très pyramidal du Parti communiste, aucun citoyen chinois ne peut refuser d'espionner - ou de commettre tout autre acte -.

Cela ne doit pas surprendre, la Chine a systématiquement recours à ses ressortissants pour recueillir des renseignements qu'elle traite ensuite dans ses relais diplomatiques. Fang semble avoir eu pour référent un diplomate soupçonné d'être un agent du ministère de la Sécurité d'État, basé au consulat de San Francisco.

Ce consulat abritait même Tang Juan, une fugitive recherchée par le FBI. Celle-ci s'est finalement rendue aux autorités américaines le 24 juillet. Elle est soupçonnée d'avoir entretenu des liens avec l'armée chinoise alors qu'elle occupait un poste de chercheur en biologie à l'Université de Californie à Davis.

En juillet, le département d'État a ordonné la fermeture du consulat chinois à Houston. Le secrétaire d'État Mike Pompeo a déclaré que l'établissement était un « *nid d'espions et un centre de vol de propriété intellectuelle* ». Selon certaines rumeurs, le consulat a été utilisé pour

dérober, entre autres informations, les dernières innovations en matière de forage pétrolier des entreprises du secteur au Texas.

Le consulat chinois de New York est également un nid d'espions. James Olson, un ancien chef du contre-espionnage de la CIA, a déclaré au New York Post, que selon l'estimation la plus prudente, « **pas moins de 100 agents de renseignement chinois opèrent simultanément dans la ville quelle que soit l'heure du jour ou de la nuit** ». New York, a-t-il dit, « n'a jamais été autant assaillie ».

Pompeo a déclaré au journal de New York que les agents chinois opèrent depuis leur consulat de New York et depuis la mission chinoise auprès des Nations Unies.

Le nombre des agents chinois est tel que les capacités répressives des Etats Unis sont noyées. En juillet lors d'un colloque du Hudson Institute, le directeur du FBI Christopher Wray, a déclaré que « *près de la moitié* » des affaires de contre-espionnage que l'agence traite a trait à la Chine. Le FBI ouvre un dossier de contre-espionnage « liée à la Chine » « toutes les 10 heures environ ».

Devant la commission du renseignement du Sénat en février 2018, le même Wray, a déclaré que la Chine utilise « *des collecteurs de secrets non traditionnels comme des professeurs, des chercheurs, des étudiants* , c'est quelque chose que nous voyons dans presque tous les bureaux dont dispose le FBI dans le pays. »

Parfois, les diplomates se livrent eux-mêmes à des activités de renseignement. Selon une étude menée par Anastasya Lloyd-Damjanovic pour le Woodrow Wilson International Center for Scholars, certains ont été « *sonder le corps enseignant et le personnel pour obtenir des informations avec des techniques qui relèvent de la collecte de renseignements* . »

Dan Hoffman, ancien chef de station de la CIA, a dit à Harris Faulkner de Fox News, le 10 décembre, que « *la Chine inondait la zone* . »

Le seul moyen de répondre en urgence à ces affaires d'espionnage serait de fermer les bases d'opérations chinoises aux États-Unis. Cela implique de fermer les quatre consulats qui restent encore ouverts - Chicago, Los Angeles, New York et San Francisco - et de réduire considérablement le personnel de l'ambassade de Chine à Washington. L'ambassade, en réalité, n'a besoin que de l'ambassadeur, de la famille immédiate de l'ambassadeur et du personnel, et non des centaines de fonctionnaires qui y sont actuellement affectés.

Non seulement le département d'État devrait tailler drastiquement dans les effectifs de l'ambassade, mais il devrait également expulser l'actuel ambassadeur, Cui Tiankai. Ce dernier et un autre membre du corps consulaire chinois de New York ont essayé d'amener un scientifique du Connecticut à espionner pour le compte de la Chine.

Washington peut autoriser Pékin à envoyer un autre ambassadeur, mais à condition d'avertir les Chinois qu'au premier écart de conduite, le diplomate en question serait expulsé.

Il n'est pas exclu que Pékin bascule ses réseaux d'espionnage sur les banques et entreprises chinoises opérant aux États-Unis. Mais cela prendra du temps et, rien n'empêche Washington d'ordonner aussi la fermeture des avant-postes non diplomatiques. À cet égard, le président Trump peut utiliser le Trading with the Enemy Act de 1917 et l'International Emergency Economic Powers Act de 1977 pour mettre fin au commerce, aux investissements et à la coopération technologique avec un régime qui profite des outils de coopération pour se livrer à l'espionnage.

La Chine ripostera, bien sûr, en fermant les consulats américains et en réduisant la taille du personnel de l'ambassade américaine à Pékin. Les analystes expliqueront que l'Amérique étant une société ouverte et la Chine une société fermée, Washington a davantage besoin d'avant-postes diplomatiques en Chine que les Chinois n'en ont besoin en Amérique.

C'est un argument fort, mais les États-Unis devraient néanmoins montrer à Pékin qu'ils sont déterminés à se défendre. Affronter sereinement un coup dur en dit long sur votre « volonté politique ».

Certains diront que les entreprises américaines en Chine ont besoin d'un

Espagne : Felipe VI et les « principes moraux et éthiques »

Le roi d'Espagne a fait allusion aux scandales entourant son père, Juan Carlos, lors de son traditionnel discours de Noël, sans toutefois clairement les évoquer.

Source AFP | Le Point.fr



Diffusée comme chaque année à la télévision, l'allocution du roi d'Espagne était très attendue à l'issue d'une année difficile pour l'image de la monarchie espagnole. © ANDRES BALLESTEROS / POOL / AFP

« Déjà en 2014, au cours de mon intronisation devant le Parlement, je m'étais référé aux principes moraux et éthiques que les citoyens attendent de nous. Des principes qui nous concernent tous sans exception, et qui prévalent sur toutes les considérations, quelle que soit leur nature, y compris personnelles ou familiales. » C'est un passage du traditionnel discours de Noël du roi d'Espagne qui risque de faire parler.

Sans clairement les évoquer, Felipe IV a fait une timide allusion aux scandales de ces derniers mois concernant son père, Juan Carlos. « *En accord avec mes convictions, cela a toujours correspondu à la manière de concevoir mes responsabilités comme chef de l'État dans l'esprit de réforme qui inspire mon règne depuis le premier jour* », a-t-il ajouté. Ce bref passage était la seule référence implicite de Felipe VI à son père, jamais nommé dans ce discours, qui s'est exilé en août aux Emirats arabes unis et est l'objet de trois enquêtes judiciaires.

Fortune cachée à l'étranger

Diffusée comme chaque année à la télévision, cette allocution était très attendue à l'issue d'une année difficile pour l'image de la monarchie espagnole, doublée de la grave crise économique et sociale provoquée par la pandémie de Covid-19. En mars, face à la multiplication d'indices sur l'existence d'une fortune cachée de Juan Carlos à l'étranger, Felipe VI avait renoncé à l'héritage de son père et lui avait retiré son indemnité annuelle, estimée à près de 200 000 euros.

Juan Carlos a réglé début décembre une ardoise fiscale de 678 393 euros afin de tenter d'éviter des poursuites pour blanchiment dans le cadre d'une enquête portant sur l'utilisation de cartes de crédit liées à des comptes bancaires aux noms d'un entrepreneur mexicain et d'un officier de l'armée de l'air espagnole. Deux autres enquêtes visent l'ex-roi, qui a régné de 1975 à son abdication sur fond de scandales en 2014.

L'une vise à déterminer s'il a empoché une commission dans le cadre de l'attribution à des entreprises espagnoles d'un contrat pour la construction d'un train à grande vitesse en Arabie saoudite en 2011. Au centre de cette affaire figure un virement de 100 millions de dollars que Juan Carlos aurait, selon le journal suisse La Tribune de Genève, reçu en 2008 de l'ancien roi saoudien Abdallah sur un compte en Suisse. L'autre enquête a été ouverte après un rapport du service de prévention du blanchiment de capitaux et confié au Tribunal supérieur, seul habilité à juger un ancien souverain.

soutien consulaire. Et ils ont raison. Mais la vérité est que l'Amérique a intérêt à faire sortir ses entreprises de Chine, pour des raisons morales en sus de toutes les autres. La perte du soutien consulaire sera une bonne raison pour les entreprises américaines de plier bagages vite fait

Les espions chinois envahissent l'Amérique et les demi-mesures ont échoué. Il est donc temps d'agir de manière efficace.

Gordon G. Chang, auteur de *The Coming Collapse of China* (*Un jour la Chine s'effondrera*), est Distinguished Senior Fellow de l'Institut Gatestone et membre de son conseil consultatif.

Cardeal do Congo: “Nosso fracasso não é culpa dos brancos”



Cardeal Fridolin Ambongo Besungu
Wikipédia - François-Régis Salefran / CC

Cardeal Fridolin Ambongo Besungu

“As pessoas tentaram ganhar o poder não para servir aos outros que estavam sob a sua responsabilidade, mas para ter os priviléios dos brancos”

O cardeal congolês Fridolin Ambongo Besungu, arcebispo de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo, presidiu a Santa Missa dos 60 anos de independência do país localizado no coração da África e declarou em sua homilia:

“Foi uma independência mais sonhada do que pensada. Enquanto outros reflectiam sobre o significado da independência e preparavam as pessoas para as suas consequências, nós, no Congo, sonhávamos com uma independência com emoção, paixão, irracionalidade, tanto que, quando chegou o momento, não sabíamos o que aconteceria no dia seguinte. As consequências ainda são visíveis hoje. Para o povo congolês da época, sonhar com a independência significava sonharem ocupar lugares brancos, sentar-se em cadeiras brancas, desfrutar dos benefícios reservados aos brancos. Para muitos, significava não só o fim do trabalho forçado, mas o fim de todo trabalho duro”.

E prosseguiu:

“Os congoleses de facto ocuparam os lugares brancos, mas, como não entendiam nada do que os brancos faziam quando ocupavam este ou aquele lugar, já que não entendiam o exercício da autoridade ou o exercício dos cargos, qualquer tarefa política, sócio-económica ou administrativa era vista como a oportunidade de desfrutar de benefícios dos brancos. As pessoas tentaram ganhar poder não para servir às pessoas sob a sua responsabilidade, mas para ter os priviléios dos brancos. Mas estes, quando estavam sentados nas suas cadeiras, não estavam só divertindo-se: eles também trabalhavam. Entendiam o significado do seu trabalho. Por outro lado, nós deixamos de lado a ideia de servir aos outros e enfatizamos o prazer. Ao observar rapidamente os 60 anos que se passaram, vemos que este grande sonho do povo congolês se despedaçou progressivamente por causa de uma série de factos e eventos. Como podemos aceitar que, 60 anos depois da independência, o povo congolês continue empobrecendo a ponto de estar entre os mais pobres da Terra hoje? Temos que reconhecer, queridos irmãos e irmãs, que, após 60 anos de independência, fracassamos vergonhosamente. Não conseguimos fazer do Congo um país mais bonito do que antes. Todos nós falhamos”. Ao encerrar a homilia, o cardeal Besungu acrescentou:

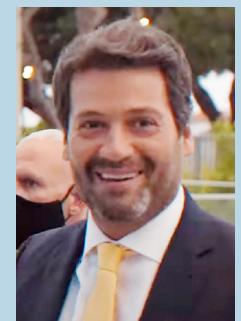
“Cada um de nós terá que prestar contas diante de Deus: o que fizeste com o teu país? Esta será a pergunta que a Corte Suprema nos fará. Não é a classe política que vai ajudar o país a sair dos seus problemas. Nós temos que sair da mentalidade de que o presidente ou o governo devem fazer isto ou aquilo. Estes comportamentos são irresponsáveis. Quem tem que agir são as pessoas”.

A razão de Ventura

Por Sebastião Bugalho/Obs.

Ironicamente, os partidos que tornaram Ventura o centro da vida política nacional são os mesmos que falharam em fornecer vitalidade e respeito à República.

2020 termina como começou: com o governo aos pedacinhos. Para gente de memória curta será útil relembrar que o segundo mandato de António Costa nasceu já morto. No início do ano, acabadinho de ser reeleito, o Partido Socialista já ameaçava demitir-se devido ao IVA da eletricidade nas negociações para o seu primeiro Orçamento do Estado. Escassos meses bastariam para o primeiro-ministro tornar a enrolar a corda à volta do pescoço, pressionando a esquerda a aprovar o Orçamento seguinte porque, caso dependesse do PSD, o governo cairia de vez. Chegado a 2021, o governo está podre – mas não tomba. A ministra da Justiça mente à União Europeia sobre o currículo de um procurador anticorrupção, a ministra da Saúde corta-fitas a vacinas para as quais não mexeu uma palha, o ministro da Educação esconde péssimos resultados com piores figuras, o ministro da Administração Interna caiu da cadeira mas ainda assina despachos e o ministro das Finanças, desde que o professor Centeno desertou, deixou de existir de todo.



O acumular destas nulidades suscitou no debate público a ideia de “fim de ciclo”, esquecendo, porventura, que tem de haver algo a começar – uma alternativa – para algo definitivamente terminar. Como é claro para quem olhar a oposição, não há alternativa nenhuma. Rui Rio é líder do PSD há três anos e a única coisa que tem para dizer ao país é o “interesse nacional” para aqui e o “interesse nacional” para ali. E, recordando os seus resultados eleitorais em europeias e legislativas, facilmente se entende que Rio não tem interesse nacional, nem interesse nenhum. Como é que a oposição não consegue valorizar-se perante uma governação tão medíocre começa a aproximar-se do limiar da incompetência.

Não é, então, somente um “fim de ciclo”. Quando nem governo nem oposição produzem uma ação política coerente, credível e mobilizadora, a problemática não se resume ao calendário ou às mudanças de ciclo. Não é só o tempo que está a passar pelo PS e por António Costa; é o regime, como um todo, que mostra sinais de degradação acentuada. A incapacidade de apresentação de alternativas, a resignação popular e mediática aos incumbentes, o dilema, desde 2015, entre alternância e esquizofrenia ideológica, o coma de instituições históricas como o CDS, a estagnação eleitoral do PSD, mas também do Partido Socialista, incapaz de maioria absoluta após quatro anos de afetos e estabilidade. Tudo isto é sinal de um fim, e não só de ciclo. E tudo isso nos obriga a ouvir a força política que o proclama, não como facto, mas como programa.

Eu, estando longe do que o Chega representa, não me condono à surdez. Além da verborreia racial e de uma reatividade quase infantil às redes sociais, há algo que André Ventura afirma que não está longe da verdade. O regime, a que chamamos convencionalmente Terceira República, atingiu um estado de intrínseca disfuncionalidade. A estagnação, como apregoam os economistas, não é exclusivamente estatística; é política. Ironicamente, os partidos que tornaram Ventura o centro da vida política nacional são os mesmos que falharam em fornecer vitalidade e respeito à República, preferindo combater o Chega no terreno do facilismo, das manifestações e das censuras, com o insucesso que se sabe.

A crise do regime não se trata, inclusivamente, da única bandeira que Ventura poderá reclamar como certa – e sua – num futuro próximo. A presidencialização do sistema político, no segundo mandato de Marcelo, será uma tentação real se a latência dos dois grandes partidos se mantiver e a saúde orçamental do país não tolerar mais aventuras. Presidencialização essa que o Chega sempre defendeu.

Agora que o ano findou, talvez fosse boa altura para o regime perceber que, para sobreviver a André Ventura, deve começar por não lhe dar razão.

Ajudemos os COMANDOS do Curso 127 que foram constituídos arguidos

NIB-0033-0000-45536014942-05



As despesas são enormes
Contamos com o apoio de todos vós.

A Associação de Comandos agradece-vos.

MAMA SUME
O Presidente da AC
José Lobo de Amaral

A Corte de Luanda

Dulce Neto, editora executiva

Reina o silêncio absoluto no exclusivo bairro Miramar, que já foi zona das vivendas da burguesia colonial de Luanda e é agora morada de embaixadas. Um palacete escondido por gigantes muros amarelos impõe-se com uma vista invejável para o Oceano. Não se vê ninguém na rua. Apenas dois homens debaixo de uma árvore, enquadrados no horizonte de mar. Não são apenas dois homens, percebe o Observador quando rapidamente se aproximam e em modos bruscos obrigam a apagar as fotos que tinham acabado de ser feitas. Esta é a residência de José Eduardo dos Santos desde setembro de 2017.

Piscinas, jardins, campo de basquetebol, salas faustosas, tudo parece desabitado. Quem vive aqui agora? "Não podemos falar nada", respondem os guardas remetendo mais diligências para as traseiras da mansão onde vários seguranças controlam o acesso. Pergunta repetida, documentos escrutinados durante longos minutos e resposta sem recuo: "Só com ordem do Palácio Presidencial podemos falar". A "Casa Amarela" é um tempo parado: o antigo Presidente de Angola já não mora aqui desde abril de 2019.

Dez minutos de carro, 14 quilómetros e 77 anos separaram José Eduardo dos Santos do frenético Sambizanga, o mussequé onde se diz que nasceu. É a distância entre a pobreza e a opulência, o tempo entre o filho frágil de uma quintandreira e o todo poderoso soberano de Angola que, desde esta miniatura do palácio presidencial cor-de-rosa, assistiu, surpreso, ao desvanecer do seu poder a partir de setembro de 2017, na investida contra a corrupção lançada pelo seu sucessor, João Lourenço.

Foi já a cerca de oito horas de voo, 8.500 quilómetros e a três anos do seu reino, refugiado numa outra mansão, no "bairro da elite" em Barcelona, que viu acontecer o impensável: no fim de dezembro de 2019, um despacho judicial que arrestou os bens da filha Isabel diz que o ex-Presidente de Angola autorizou o desvio de mais de 115 milhões do erário público e favoreceu ilegitimamente a filha no comércio de diamantes. Em janeiro deste ano, o escândalo Luanda Leaks mostrava ao mundo como Isabel dos Santos e o marido tinham alegadamente usado fundos públicos em proveito do seu império empresarial.

Isabel dos Santos foi uma espécie de para-raios de toda uma governação e oligarquia fidelizada pelos petrodólares. Mas a figura central de um esquema institucionalizado de corrupção é o pai, José Eduardo dos Santos: foi ele que, senhor de um poder quase absoluto durante 38 anos, viabilizou e legitimou todo um sistema duvidoso.

Um episódio ocorrido com o Observador em Luanda é sintomático de como no seu reinado os atos à margem da lei ganharam foros de normalidade.

Com dez dias e tantas conversas para ter, os dias e as noites eram criteriosamente organizados para ter tempo para tudo. Mas ninguém consegue prever algumas entrevistas. Uma delas foi com o funcionário mais antigo do palácio presidencial que ainda está ao serviço depois de começar a trabalhar na Cidade Alta ainda nos tempos dos governadores portugueses. A entrevista foi longa, incluiu um hino religioso e uma oração propostas por Domingos Bandeira no seu fato dominguero acabado de chegar da igreja metodista, e quando a jornalista saiu, já passava da hora combinada com o motorista. O protesto foi imediato:

— Não foi esta hora que combinou comigo, dama.

Jornalista pede desculpa, explica que são imprevistos, etc. De rosto fechado nos seus trinta anos e óculos escuros Rayban não amaciou e com a maior naturalidade do mundo rezingou:

— Por sua causa não consegui levar um pacote de diamantes ao aeroporto.

A conversa que se seguiu mostrou que não estava a brincar.

"José Eduardo dos Santos, o pai da corte de Luanda", é o primeiro

texto de um trabalho alargado de jornalistas do Observador sobre a rede de poder eduardino que deu origem a uma série inédita de podcasts do Observador. São quatro textos:

- sobre o ex-Presidente de Angola, publicado hoje,
- sobre a filha Isabel dos Santos, escrito pelo Filipe Fernandes, que sairá amanhã,
- sobre o genro Sindika Dokolo (cuja publicação teve de ser antecipada devido à morte do marido de Isabel dos Santos em outubro, mas que é novamente lançado na quarta-feira), assinado pela Cátia Bruno,
- e sobre os delfins Manuel Vicente e João Lourenço, da autoria de João de Almeida Dias, que poderá ler a partir de quarta-feira.

Os podcasts, realizados pelo editor executivo da Rádio Observador, Ricardo Conceição, e com a sonoplastia de Beatriz Martel Garcia, Diogo Casinha e Bernardo Almeida, dividem-se em quatro episódios:

- O Viajante (que já passou hoje na rádio Observador mas que está sempre disponível no site) e o Chefe (que passa amanhã) dedicados ao ex-Presidente de Angola,
- A Cara do Pai, que revela como Isabel dos Santos foi construindo a sua fortuna, que passa na quarta-feira,
- e O Mimoso, que mostra como João Lourenço é um filho do sistema.

Na reportagem sobre José Eduardo dos Santos, seguimos o seu percurso desde que nasceu, ouvimos as histórias que mostram traços de personalidade que o levaram a exercer uma autoridade intocável, a dominar o partido, os inimigos e amigos, o país. Falámos com mais de meia centena de pessoas, em Angola, em Portugal, no Brasil, no Reino Unido. Desde ex-generais a académicos, de ex-ministros a homens de negócios, de ex-guerrilheiros a ativistas, de uma ex-prisioneira da cadeia de Catete a um historiador, que nos explicaram como José Eduardo dos Santos soube usar (ou forçar) implacavelmente as circunstâncias a seu favor.

Contamos como era um hábil político florentino, cheio de ambiguidades (veja-se o exemplo do 27 de maio de 1977) ou como chegou a receber uma ordem de prisão, mas também como a sua vida pessoal e amorosa se entrelaçou com o seu papel de estadista. Desde a primeira mulher, Tatiana Kukanova, mãe de Isabel, que vendeu garrafas de vinho para comprar uma Renault 4, à amante "Milucha", mãe de Tchizé e Corian Dú, que o viu com buracos nas meias no Futungo de Belas, ou ao filho que foi criado durante muito tempo por um amigo. Tem fotos antigas e muitos sons: até o de José Eduardo dos Santos a cantar para a então mulher, Ana Paula dos Santos.

É só o começo da série. Não perca o resto.





Le chat sort du sac...

Les 9 étapes du Nouvel Ordre Mondial selon Robert Kennedy Jr et nos résolutions de Nouvel An pour nous en sortir

Dans exportmci / International — par MICHELE MARIE

Nous voici arrivés au terme d'une année exécrable que certainement personne ne regrettera. Mais plutôt que de se réjouir trop vite à l'idée d'en entamer une nouvelle, et de s'élancer la fleur au fusil, il serait opportun de jeter un regard sur ce petit tableau représentant les neufs étapes de notre marche forcée vers le Nouvel Ordre Mondial. Et de comprendre que nous venons tout juste d'entrer dans la quatrième.

Car pour une marche forcée, c'en est une. Il n'est pas anodin que le parti que Macron avait fait surgir en 2017, en frappant la terre de son bâton de pèlerin, se soit appelé "En Marche !"

La destination de notre parcours de forçats pourrait bien coïncider avec la fin du mandat présidentiel. Juste à temps pour le changement de garde.

Un changement de garde est dans l'ordre de ce qui est prévisible à moins que le peuple français, atteint du syndrome de Stockholm, ne plébiscite son geôlier. Mais même le président jupiterien ne s'y attend guère, qui a lancé au cours d'une interview récente au media Brut, qu'il ne faisait pas de projets pour une future candidature:

« Peut-être que je ne pourrai pas être candidat. Peut-être que je devrai faire des choses dans la dernière année, dans les derniers mois, dures, parce que les circonstances l'exigeront, et qui rendront impossible le fait que je sois candidat », a-t-il déclaré dans un accès de franchise.

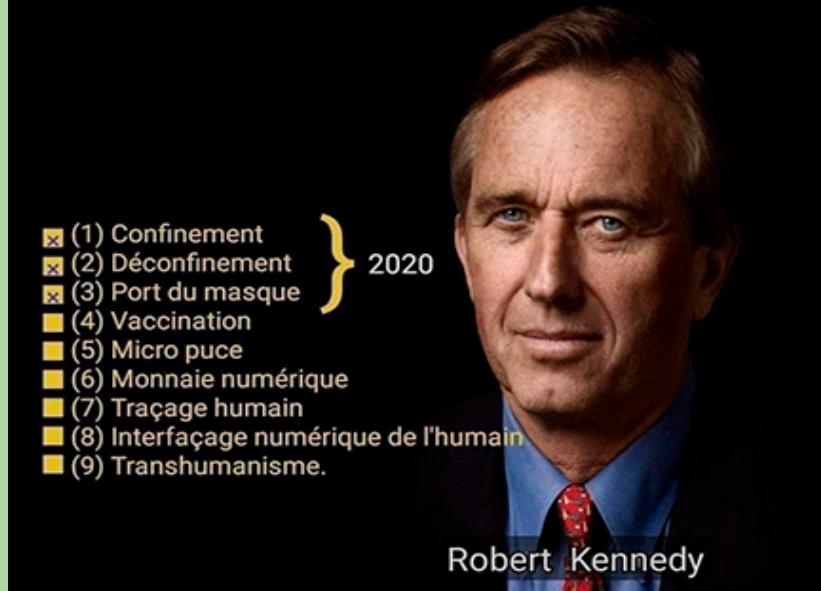
Qu'on se le tienne pour dit. Pas tant pour baisser les bras et se laisser aller au désespoir, que pour s'armer de courage et combattre le danger mortel qui plane sur nos têtes. Les petites trêves que l'on nous accordera de temps en temps ne seront que ça: de petits replis tactiques, des sucettes que l'on donne aux enfants pour les amadouer. L'adversaire est déterminé, il nous faudra l'être aussi pour le débouter.

Que nos résolutions pour 2021 soient donc :

- Foi : dans notre capacité à vaincre les puissances des ténèbres.
- Espérance : dans le secours de la Providence que nous recevrons si nous le sollicitons en donnant des gages au Ciel.
- Charité : esprit de solidarité, d'entraide et de compassion envers le prochain plus démunie que soi.
- Lucidité et discernement : pour ne pas s'en laisser conter par les boniments du gouvernement.
- Courage : d'affronter et de surmonter sa peur.
- Fermeté : dans le respect des lignes rouges que l'on s'est fixé.

VOICI LES 9 ÉTAPES DU NOUVEL ORDRE MONDIAL

Pour nous amener vers le transhumanisme



13

Comme par exemple, le refus des vaccins faits à partir de cellules de bébés abortés, c'est à dire presque tous, sauf le Sputnik.

- Patience et persévérance dans l'épreuve.
- Prévoyance : pour ne pas se laisser prendre au dépourvu par de mauvaises surprises. Constituer des stocks de provisions. Garder du liquide, ou des pièces d'or, sous le matelas.
- Prudence : de ne pas baisser la garde même si le danger semble écarté. C'est peut-être un piège.
- Dignité en toute circonstance.
- Humilité : par nous-mêmes, nous sommes bien vulnérables aux machinations des marchands de la culture de mort: marchandisation, robotisation et transhumanisation. Avec l'aide d'en Haut, nous sommes capables de défaire leurs sinistres projets.
- Gratitude : pour chaque victoire remportée sur les ennemis de l'humanité.

Et sur ce, Bonne Année à tous !

Esta afirmação de Robert Kennedy Jr diz tudo do que há muito tempo vinha-mos alertando. Isto de pandemia e de vírus foram criados pela mão do homem para forçar as populações a obdecer, perdendo direitos que nunca mais voltarão, por ordens de que os governos são cúmplices. Em tudo.

RM

La mystérieuse « disparition » du milliardaire Jack Ma

Depuis un discours critique à l'égard du régime chinois prononcé en octobre, le patron d'Alibaba n'a pas été vu en public, souligne le *Financial Times*.

Par LePoint.fr



Mais où est donc Jack Ma ? Le milliardaire chinois, créateur du site d'e-commerce Alibaba et 25e homme le plus riche du monde, selon le classement de Bloomberg, est porté « *disparu* » depuis fin octobre. Depuis cette date, il n'est pas apparu en public, souligne le *Financial Times*. Hasard ou coïncidence, il a tenu, le 24 octobre, un discours particulièrement critique à l'égard du régime chinois. De quoi alimenter les spéculations.

Les dernières semaines avaient déjà tout de la descente aux enfers pour Jack Ma. Après son discours remarqué dans lequel il appelait à une réforme du système financier chinois, le self-made-man de 56 ans était tombé en disgrâce. Convoqué par les autorités, il a aussi fait l'objet de sanctions financières. Pékin avait choisi de suspendre l'entrée en Bourse d'Ant, la banque en ligne d'Alibaba. L'annulation de l'opération qui aurait permis de lever au moins 35 milliards de dollars sur les marchés financiers a fait plonger l'action d'Alibaba en Bourse. Puis, le 24 décembre, le régime communiste a annoncé l'ouverture d'une enquête, soupçonnant le groupe de « *pratiques monopolistiques* ». Or, pendant ce laps de temps, malgré les problèmes rencontrés par son entreprise, Jack Ma, n'est pas apparu en public une seule fois, souligne le quotidien financier londonien.

Une disparition numérique ?

Au mois de novembre, Jack Ma aurait pourtant dû être présent dans le jury pour la finale d'Africa's Business Heroes, une émission qui donne la parole à des entrepreneurs du continent africain et leur permet de gagner potentiellement 1,5 million de dollars. Mais, Jack Ma était absent, remplacé par Lucy Peng, une cadre haut placée du groupe Alibaba. Selon un porte-parole du groupe, le remplacement serait lié à un problème d'emploi du temps. Mais, la photo de Jack Ma a aussi disparu du site de l'émission et d'une vidéo promotionnelle, précise le *Financial Times*. Dans le même temps, le dernier tweet de Jack Ma date du 10 octobre 2020.

Comme le soulignait *Le Monde* fin décembre, le régime chinois n'a pas hésité à neutraliser les hommes d'affaires se montrant critiques du pouvoir au cours des derniers mois. Au-delà de Jack Ma, plusieurs entrepreneurs ont ainsi été la cible des autorités. Ren Zhiqiang, un magnat de l'immobilier a été condamné à 18 mois de prison, Sun Dawu, le fondateur de Dawu Group et sa femme ont été arrêtés après avoir critiqué l'intervention de la police sur le réseau social Weibo. Comme le précise le quotidien, ces arrestations surviennent alors que le comité central du parti a décidé de renforcer la présence du Parti communiste chinois (PCC) dans les entreprises.



Tyrannie sanitaire au Canada : Une athlète paralympique née sans mains expulsée d'une librairie parce qu'elle ne portait pas de masque... qu'elle ne pouvait pas enfiler seule

exportmci / International — par Pierre-Alain Depauw

Canada, Colombie-Britannique – Trois églises protestantes canadiennes de la province de la Colombie-Britannique se sont récemment vu infliger des amendes totalisant 18400 \$ pour la tenue d'offices religieux en présence de fidèles, qui sont actuellement interdits en vertu des règles COVID-19 de la province.



Dans un communiqué de presse expliquant les accusations, les autorités régionales ont déclaré qu'elles avaient pour rôle d'*«éduquer»* les ministres des cultes.

Plusieurs associations ont par ailleurs écrit au ministre de la Santé de la province, Adrian Dix, pour les implorer d'annuler l'interdiction de services religieux.

Les associations soulignent qu'interdire l'assistance des fidèles au culte est «*une restriction à la liberté religieuse»* «*disproportionnée et inutile*».

En novembre, la Colombie-Britannique a interdit l'assistance aux offices religieux dans le cadre d'un plus grand confinement dans la province au nom de la prétendue lutte contre l'épidémie de COVID-19.

En octobre, le Dr Stephen Malthouse, qui pratique la médecine familiale en Colombie-Britannique, avait fait la une des journaux pour avoir dénoncé la politique de confinement contre le COVID-19.

Le Dr Malthouse déclarait qu'il «ne semble y avoir aucune preuve scientifique ou médicale» de l'utilité de la poursuite des confinements, des masques faciaux, de la distanciation sociale, de la fermeture «*arbitraire*» d'écoles et d'entreprises et de «*la fermeture des lieux de culte*».

Il avait également déclaré récemment à LifeSiteNews que les faibles taux de grippe au Canada cette année pourraient être attribuables à diverses raisons, mais qu'attribuer une telle baisse du nombre de grippes aux vaccins contre la grippe, «*qui, selon lui, sont tout au plus efficaces à 60%*» semble peu probable.

La tyrannie sanitaire qui sévit au Canada se manifeste particulièrement en Colombie-Britannique. Une autre illustration en a été fournie tout récemment avec une athlète paralympique née sans mains qui a été expulsée d'une librairie parce qu'elle ne portait pas de masque, alors qu'elle était physiquement incapable d'en enfiler un sans aide.

RIBEIRA GRANDE

São Miguel - Açores

○ Parque do Emigrante, inaugurado a 25 de Julho do ano passado é um espaço urbano de homenagem áqueles que partiram.

Fotos: José Melo (Ribeira Grandense)

BEM-VINDO À PRAÇA DO EMIGRANTE

A Emigração e os Emigrantes fazem parte da Ribeira Grande desde sempre.

Atento a este fenómeno, o Município quer viver de braço dado com todos os que partiram, por opção ou por necessidade, mas não se esquecem da terra natal.

Acolhemos a sede da AEA-Associação dos Emigrantes Açorianos, uma ponte entre a Diáspora e a terra-mãe.

Já tínhamos erguido o Museu da Emigração Açoriana, um espaço de memória, história e cultura da nossa Diáspora.

Criámos o Gabinete de Apoio ao Emigrante para todos os que pretendem investir no concelho e precisam de encontrar uma porta de entrada.

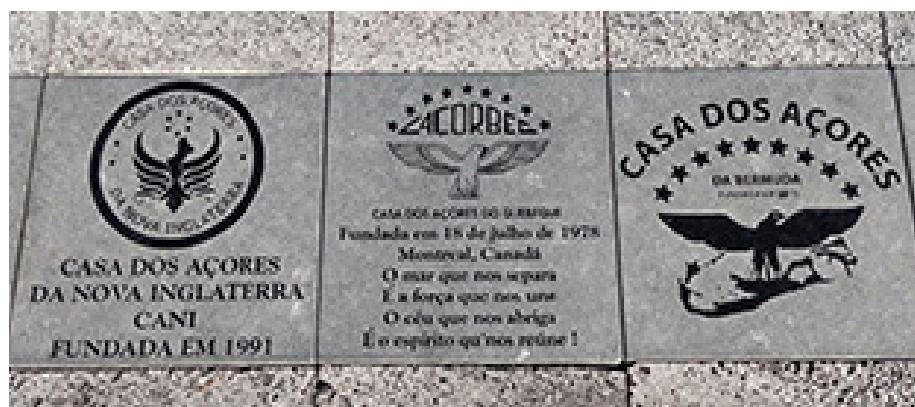
Estamos na linha da frente, mas faltava uma homenagem em grande a todos os Emigrantes.

Chega com esta imponente Praça do Emigrante, um espaço amplo, onde queremos que todos sintam o orgulho e o carinho que temos pelos nossos Emigrantes.

O centro da Praça do Emigrante é ocupado pela peça de arte pública Saudades da Terra, a mesma expressão que Gaspar Frutuoso – o nosso primeiro Emigrante ilustre, filho da Ilha de São Miguel e vigário da então vila da Ribeira Grande – utilizou no século XVI, para resumir um sentimento maior, comum aos Emigrantes.

A obra é dedicada a todos os Ribeira-grandenses e Açorianos que, ao longo destes séculos, sentiram saudades da terra.

ALEXANDRE BRANCO GAUDÉNCIO
Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande



Petit Cambodge : la justice ordonne l'expulsion des squatteurs

Depuis mi-novembre, des locaux dans lesquels le restaurant envisage d'ouvrir une annexe sont occupés par des militants qui expliquent lutter contre la gentrification.



Par Valentine Arama (avec AFP) | Le Point.fr

L'annexe du restaurant *Le Petit Cambodge*, occupée depuis mi-novembre par des squatteurs. © BERTRAND GUAY / AFP

Les squatteurs ont quarante-huit heures pour quitter les lieux. Depuis mi-novembre 2020, des locaux du restaurant du 10e arrondissement parisien *Le Petit Cambodge* – connu pour avoir été l'une des cibles des attentats du 13 novembre 2015 –, dans lesquels doit ouvrir une annexe, étaient occupés par des militants en lutte contre la « gentrification » du quartier. Ce lundi 4 janvier, le tribunal de Paris a cependant ordonné une expulsion quasi immédiate des occupants du restaurant parisien, avec assistance de la force publique et intervention d'un serrurier si besoin. Le tribunal a également exigé le paiement d'une indemnité d'occupation correspondant au nombre de jours occupés, à hauteur de 153 euros par jour.

« L'expulsion qui pourrait être ordonnée afin de mettre fin au trouble manifestement excessif ne se révèle pas disproportionnée », indique dans son ordonnance de référé le président du tribunal judiciaire de Paris, qui accorde deux jours aux occupants pour libérer spontanément les lieux avant l'intervention des forces de l'ordre.

Lutter contre la « gentrification »

Les militants, réunis au sein d'un collectif baptisé *L'Arche-Les Révolté·e·s* de la place Sainte-Marthe, occupaient le local notamment pour dénoncer la « pression immobilière ». Dans un communiqué, ils avaient ainsi expliqué que leur volonté n'avait « jamais été de [s'] attaquer au *Petit Cambodge*, mais tout simplement d'occuper un local abandonné pendant cinq ans et de répondre aux besoins du quartier ». Ils disaient lutter contre sa « gentrification » dont profiteraient des « spéculateurs », la plateforme Airbnb ou des « restaurants de luxe et bobos ».

Les activistes écologiques et antiracistes voulaient en faire un centre social autogéré qui, selon eux, hébergerait déjà des personnes en grande précarité. Le tribunal a estimé qu'aucune preuve convaincante n'avait été apportée d'un tel hébergement et donc que l'expulsion du local pouvait être ordonnée puisqu'elle ne portait « pas atteinte au droit au respect de la vie privée et familiale ou du domicile de quiconque ».

Un squat en pleine crise sanitaire

Ils ont « changé les serrures, badigeonné les murs » et « organisé des apéros » en pleine crise sanitaire et « pendant que nous nous battons pour maintenir notre activité », avaient dénoncé les propriétaires du *Petit Cambodge* dans un long message posté sur leur page Facebook, quelques jours avant l'audience qui s'est tenue le 29 décembre dernier. « *Le Petit Cambodge, ce n'est pas McDonald's, c'est un petit restaurant de quartier* », a fait valoir à l'audience l'avocate du restaurant, Me Marine Rogé. « C'est 38 salariés. [...] Aujourd'hui, on paie le loyer pour permettre à ces personnes [les occupants] d'organiser de grands débats, des fêtes... on paie 5 682 euros par mois de remboursement d'emprunt, 4 500 euros de loyer », avait-elle plaidé. L'avocate des occupants a pour sa part mis en doute la réalité des travaux effectués dans ce local attribué au restaurant en décembre 2015.

À l'issue de l'audience, les militants ont organisé un concert ambulant contre la gentrification et en soutien au squat devant le tribunal. Une vingtaine de personnes ont été verbalisées par la police, qui a ensuite dispersé la manifestation.



J Y M ARCHITECTURE

Services & Plans D'Architecture
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.
Technologue en Architecture
Cel. 514.972-9985 • @info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com



ORDRE DES
TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS
DU QUÉBEC

NATAL SANTO



Em S. Domingos de Rana -2020

*Natal Santo que a todos nos abraça
É festa da Família em união,
É onda de amor que nos trespassa
Deixando ver no outro, um nosso irmão.*

*É o sol quente beijando a vidraça,
É calor da lareira, é ticiano,
É como vinho, despejada a taça,
Que enrija a alma, adoça o coração.*

*Por mais anos que viva lembrei
O encanto que tem a Consoada,
A mesa posta, o lume, o sentimento...*

*Oh! Deus Menino - também Cristo Rei:
Contigo aqui estamos, de mão dada,
Fruindo a Graça do Teu Nascimento.*

João Afonso



LIGA DOS COMBATENTES

Passado, Presente e Futuro

www.facebook.com/museucombatente.oficial

<https://facebook.com/ligadoscombatentes.oficial>



Domingos Camponez expõe no Museu dos Combatentes

Domingos Camponez tem mais uma vez uma exposição no Museu do Combatente, e convidámos os amigos e público para continuarem a aparecer e apreciar os seus quadros sobre a Grande Guerra, a guerra do Ultramar e as operações de Paz e Humanitárias.

Deixámos um breve resumo da obra exposta, e algumas fotos com o Presidente da Liga dos Combatentes, TGeneral Chito Rodrigues que o apresentou ao Presidente da República, que observou e comentou a sua obra, bem como ao Ministro da Defesa Nacional e a Secretaria de Estado dos Recursos Humanos e Antigos Combatentes.

A obra oferecida pela Liga dos Combatentes a S. Ex. o Presidente da República pelo Presidente da Liga dos Combatentes conforme notícia já publicada aborda o tema do Armistício de 11 de Novembro 1918.

Acrescentamos um relance ao seu Curriculum Vitae, da autoria do amigo Vitor Oliveira Mateus

CURRICULUM VITAE

Não sendo natural de Lisboa, Domingos Camponez veio para esta cidade quando era criança.

Aqui iniciou os seus estudos e, desde muito cedo. Dotado de uma sensibilidade refinada e de uma peculiar capacidade na apreensão do real, se deixou tocar pelas gentes da capital : seus costumes, suas cores, sua arquitetura. Assim, o seu crescimento, enquanto pessoa e enquanto pintor, está intimamente ligado à sua paixão por esta cidade e, por isso mesmo, resolveu seguir pintura em belas artes (SNBA).

Para que se lhe depurassem os seus conhecimentos a fim de, um dia poder retratar essa cidade que tanto o tocava. Esta tem sido uma das inquietações fundamentais não descurando outras, como é óbvio ! Cujos trabalhos vêm sendo expostos nas mais diversas exposições. Agora é o momento de Domingos Camponez se fixar nesta temática.

É de tudo isto que Domingos Camponez pretende falar nesta sua exposição e é de tudo isto que ele, quanto por nós fala, de modo despretensioso, mas de uma forma escorreita, apelativa e ousamos dizer mesmo Bela.

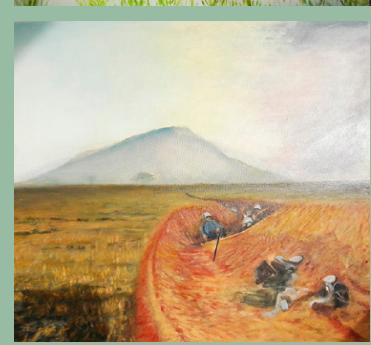
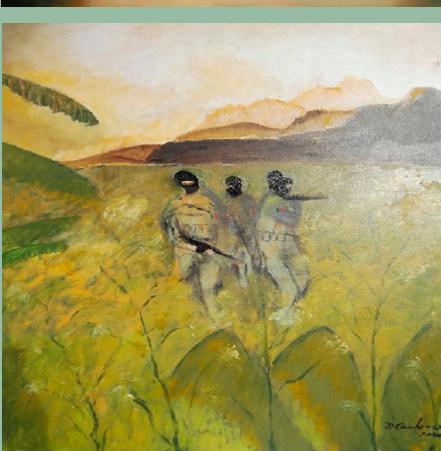
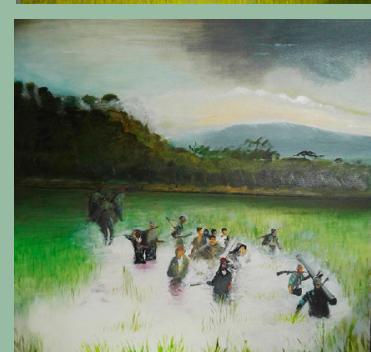
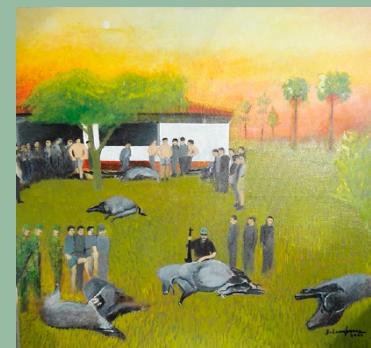
APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Ano 2000

- Espaço Trigo Limpo - Alverca - Exposição "BECOS DE ALFAMA"
- XXII Salão Outono de Pintura em Plasencia - Espanha - Concurso

Ano 2001

- Galeria Municipal de Mourão - Exposição "AMARELOS E VERDES DO ALENTEJO"
- XXIII Salão Outono de Pintura em Plasencia - Espanha - Concurso



Ano 2002

- Galeria Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos - Exposição "COISAS QUE ACONTECEM NA VIDA"
- Galeria Caos - Câmara Municipal de Odivelas - Exposição "AMOSTRA DO QUE SE PODE FAZER"



Ano 2003

- Galeria David Mourão Ferreira – Câmara Municipal de Lisboa - Exposição "TEMAS DA SOCIEDADE"
- Núcleo Central do Taguspark - Exposição "VÁRIOS TEMAS"

Ano 2008

- Galeria Fabus Urbis em Alfama - Exposição "AGUARELAS DOS GAVETOS MAIS EMBLEMÁTICOS DE LISBOA"

Ano 2009

- Meu Atelier em Ponte de Rol - Exposição "ESSÊNCIA E HISTÓRIA DO CARNAVAL DE TORRES VEDRAS"

Ano 2011

- Museu da Liga dos Combatentes, Forte do Bom Sucesso - Torre de Belém - Exposição "EROSÃO"

Ano 2012

- Convento da Graça em Coimbra - Exposição - "RAPSÓDIA E SEGMENTOS"

Ano 2013

- Cine Teatro Florbela Espanca – Câmara Municipal de Vila Viçosa - Exposição - "OLHARES"
- Espaço Caffé-Caffé – Borba – Exposição continua – "VIAGENS"

Ano 2014

- Celeiro da Cultura - Câmara Municipal de Borba - Exposição - "TRÊS TONS"

Ano 2015

- Museu da Liga dos Combatentes, Forte do Bom Sucesso - Torre de Belém - Exposição "FADO PORTUGUÊS e 1ª GUERRA MUNDIAL"
- Convento da Graça em Coimbra - Exposição - "FADO PORTUGUÊS e 1ª GUERRA MUNDIAL"
- Club Escola Amizade no Forte de Albufeira – Exposição "FADO PORTUGUÊS"

Ano 2016

- Adega do Miguel – Ponte de Rol – Torres Vedras - Exposição "FADO PORTUGUÊS"

Ano 2018

- Adega do Miguel – Ponte de Rol – Torres Vedras - Exposição "TAUROMAQUIA"

Ano 2019

- Exposição no Museu do Combatente sobre Operações de Paz e Humanitárias
- Exposições diversas



19



TEL 1
Óleo S/Tela 80x80 cm (Coleção Privada)
Assinatura do Armistício da 1ª Guerra Mundial, numa carruagem de combóio a meio caminho
Do esquerdo para a direita: o Almirante Almílio Ernesto Vasconcelos, o conde alemão Alfred von Obernitzka, o almirante britânico Detlof von Winterfeldt, o almirante britânico Jack Maitland, Matthias Erzberger, líder da delegação alemã a negociações do parlatório (Reichstag) e o almirante britânico George Hope, o almirante Rosslin Wemyss, o marechal francês Ferdinand Foch e o general francês Maxime Weygand.



TEL 2
Óleo S/Tela 80x80 cm (Coleção Privada)
Angola - Batalha do Caçadores 1909
Companhia 1845 (Fevereiro 1909 a Junho 1909)
Caçada somaria para alimentar da Companhia



TEL 3
Óleo S/Tela 80x80 cm - Preço 1.350,00 EUR
Angola - Companhia de Fuzileiros Nº5
De 1908 a 1910
Forças Britânicas combatendo no Rio Cuango na zona da Corte Colonial



TEL 4
Óleo S/Tela 80x80 cm - Preço 1.350,00 EUR
Guiné
Paracaidistas Portugueses lançados em zona de conflito, para libertarem um confronto com o inimigo, 1962



TEL 5
Óleo S/Tela 80x80 cm - Preço 1.350,00 EUR
Angola
Milícias Portuguesas destruindo com fogo, um acampamento de uma colônia inimiga



TEL 10
Óleo S/Tela 80x80 cm - Preço 1.350,00 EUR
Angola
Sniper camouflaged, na proteção ao avanço das tropas, que efetuaram um golpe de mão



A geringonça de Marcelo

Por André Abrantes Amaral/Obs.

Com a direita dividida e um governo fragilizado, é provável que qualquer solução futura de governo passe por Marcelo. Os debates entre os candidatos presidenciais já mostram isso mesmo.

Até agora, houve dois momentos muito interessantes nos debates das eleições presidenciais. O primeiro foi a concórdia que reinou entre Marcelo Rebelo de Sousa e Marisa Matias. Neste, a candidata do BE chegou a dizer que há condições para que se alcancem entendimentos duradouros e estáveis à esquerda. Marisa disse-o no mesmo debate em que assumiu que Marcelo será o vencedor das eleições, ou seja, sob a égide de quem qualquer acordo à esquerda deverá ser desenhado. Marcelo agradeceu a deixa e respondeu acreditar que a legislatura chegará ao fim com os próximos dois orçamentos aprovados pela dita esquerda.

O segundo momento deu-se logo no início do debate entre Marisa Matias e Ana Gomes, quando as duas concordaram que o envio pelo Governo à UE de dados falsos sobre o procurador escolhido pelo Ministério da Justiça (em vez de Ana Carla Almeida que venceu o concurso internacional para procuradora europeia) precisava apenas que fosse esclarecido pela ministra Francisca Van Dunem. Marisa Matias ainda referiu que o processo envergonhava (Ferro Rodrigues não terá ficado contente) o Estado português, mas ficou-se por aí. Fosse a ministra de um Governo de direita e a resposta das duas candidatas seria, por certo, mais contundente. Como é do PS, e o BE está aberto a entendimentos futuros, Marisa Matias encolheu os ombros.

Estes dois momentos foram relevantes porque mostram uma oportunidade que Marcelo, que é um político astuto, vai querer aproveitar: a de, perante um Parlamento dividido, o Presidente unir para reinar. Desde 1986, que um Presidente não tem perante si um Governo tão fragilizado na Assembleia da República. Ao contrário do que sucedeu com Soares (pois Cavaco Silva beneficiou da adesão de Portugal à CEE e da expansão económica da época), Marcelo sabe que dificilmente um partido conseguirá uma maioria absoluta. Sabe (neste ponto não precisa de ser muito esperto, pois sabemos todos) que o actual Governo é um *zombie*. Para o forçar a dialogar com o BE, basta enfraquecê-lo um pouco mais. O tirar do tapete à Ministra da Saúde (como fez relativamente à vacina da gripe), o apontar da porta de saída a Eduardo Cabrita e os comentários que já proferiu relativamente à Ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, são excelentes exemplos dessa vontade em enfraquecer um Governo que, por enquanto, teima em não renovar a geringonça.

Para presidir de uma forma diferente da dos seus antecessores, Marcelo precisa de representar a direita. Nesse sentido, tem de a manter enfraquecida. Também aqui o cenário lhe é favorável, pois a direita se encontra dividida em quatro partidos. Destes, Marcelo conta com o apoio do PSD e do CDS, cujas direcções são fracas e lhe são submissas. Só relativamente à IL e ao Chega necessita de controlar os danos que daí possam vir. Por alguma razão, o Presidente foi menos conciliador com Mayan Gonçalves do que com Marisa Matias ou João Ferreira. Já o choque com André Ventura é inevitável, até para que Marcelo conquiste o maior número de votos à esquerda. O Presidente precisa destes, não apenas para aumentar a sua legitimidade como político acima de todos os restantes, mas também para conseguir dialogar com esquerda. Ora, para que tal suceda, nada melhor que essa mesma esquerda saiba onde se encontram os seus votos. Com um PS a dominar o Estado, mas sem força suficiente para controlar a Assembleia, cabe a Marcelo forjar acordos: uns à esquerda, entre PS, BE e PCP; outros à direita, dos socialistas com o PSD e o Chega (o CDS, entretanto, foi-se).

Não deixa de ser interessante o modo paciente como Marcelo chegou até aqui. Quando há cinco anos foi eleito, o PS acabara de chegar ao Governo através de uma possibilidade nunca mencionada nem

debatida durante a campanha eleitoral. O truque foi feito numa democracia consolidada há pouco, mas que se justificou porque a esquerda receava que o socialismo em Portugal fosse posto em xeque, caso PSD e CDS beneficiassem do sucesso das medidas aplicadas durante a troika (e cujos sinais já se vislumbravam e que ainda desfrutámos, de modo cada vez mais ténue, até 2019). Na verdade, tanto o PS, como o BE e o PCP ficariam sem discurso se PSD e CDS obtivessem os proveitos de quatro anos de austeridade orçamental.

O primeiro passo foi, pois, que a esquerda tirasse proveito do que criticara. Moralmente, isso não foi um problema para o PS que, após quase ter falido o Estado português entre 2005 e 2011, tudo fez para boicotar o plano de resgate financeiro que assinou com o FMI, o Banco Central Europeu e a Comissão Europeia. A amoralidade comportamental do PS encontrou parceiros fáceis e fiáveis no PCP e no BE.

Quando Marcelo Rebelo de Sousa chegou à presidência, o primeiro passo desta estratégia de sobrevivência político-ideológica estava dado. Faltava o segundo. Se o primeiro consistiu na farsa da vitória eleitoral, o segundo constituiria a farsa do sucesso económico. Se, naturalmente, Marcelo não podia ter revertido o primeiro, devia não ter feito parte do último. Marcelo defende-se, dizendo que sarou feridas e uniu o país, quando com a sua acção se limitou a absolver a oligarquia socialista dos pecados passados. Digo limitou-se, porque o país não está unido. Veja-se o fosso entre funcionários públicos e trabalhadores do sector privado; o tratamento preferencial concedido à TAP (uma grande empresa) quando comparado com os empresários em nome individual da área da restauração (as pequenas empresas, geralmente sem peso numa realidade socialista); a escolha ideológica que foi a exclusão dos serviços de saúde privados no combate à pandemia, entre inúmeros outros casos. Num país sarado e unido, um político como André Ventura não levaria ao rubro as redes sociais, menos ainda entusiasmaria telespectadores de debates políticos. Num país sarado e unido não há fome, nem miséria escondida. Não há vergonha, mas dignidade.

Trago à baila a dignidade porque o problema, hoje em dia, em véspera de eleições presidenciais, não é apenas económico, mas também de cariz político. Trata-se de um dilema de falta de dignidade pública. Veja-se Pedrógão, onde ainda na noite do incêndio, o Presidente da República disse que “o que se fez foi o máximo que se podia fazer” para, mais tarde, e quando se apercebeu do quanto a dimensão da tragédia o poderia afectar, decidiu falar com conhecimento de causa. Ou quando fechou os olhos ao ajuste de contas do PS à então Procuradora Joana Marques Vidal. Ou quando nada se percebeu do que verdadeiramente se passou em Tancos. Ou quando, enquanto Comandante Supremo das Forças Armadas, Marcelo recebeu em júbilo a selecção portuguesa vencedora do Euro 2016 pouco depois de três militares da Força Área terem morrido num acidente no Montijo. Ou quando nada disse sobre o cidadão ucraniano morto às mãos do Estado português. Ou quando justificou essa sua falta com argumentos que não teve em consideração noutras situações em que lhe foi conveniente agir de forma diferente.

Por alguma razão, António Costa lhe segurou o guarda-chuva em Paris. Por algum motivo, a sua recandidatura foi lançada pelo próprio Primeiro-Ministro numa visita dos dois à Autoeuropa.

Marcelo Rebelo de Sousa aguentou tudo isto como político astuto e paciente que é. Cedo colou-se a este PS para colher os frutos da governação anterior. Também ele foi parte integrante da geringonça. O casamento foi de conveniência, mas, ao contrário do que poderia suceder nestes casos, não se fez em nome de um projecto, mas de uma pessoa: dele próprio. Como referi em cima e tive oportunidade de mencionar em Junho de 2019, é bem possível que Marcelo desvirtue o sistema que continua novo e não devidamente consolidado. Até lá, ficaremos mais pobres e viveremos com menos perspectivas. Num permanente Inverno marcelista. Infelizmente, em Portugal as mudanças, porque demoram, quando surgem são abruptas e de pouco servem. A solução será aquele sempre foi: ir embora. Os mais novos não desmerecerão esse fado logo que a pandemia passe. Marcelo pode ser astuto e esperto. Infelizmente, Portugal não tem a sorte de ser grande também. O preço da vitória de Marcelo vai deixar marcas. O agora Presidente pode sentir-se orgulhoso. Os nossos filhos não.

Valha-nos isso.